



SEMPRE
TEREMOS
O VERÃO

Da mesma autora do best-seller
Para todos os garotos que já amei

Jenny
Han

intrínseca

**SEMPRE
TEREMOS
O VERÃO**

*Jenny
Han*

TRADUÇÃO DE ANA RODRIGUES



Copyright © 2011 by Jenny Han

Publicado mediante acordo com Folio Literary Management, LLC e Agência Riff

TÍTULO ORIGINAL

We'll Always Have Summer

EDIÇÃO

Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

PREPARAÇÃO

Giu Alonso

REVISÃO

**Rayssa Galvão
Juliana Werneck**

DIREÇÃO DE ARTE

Lucy Ruth Cummins

ARTE DE CAPA

©2017 Jim Tierney

ADAPTAÇÃO DE ARTE E LETTERING

Antonio Rhoden

REVISÃO DE E-BOOK

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



_intrinseca.com.br

Sumário

Sempre teremos o verão

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Introdução

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

[52](#)

[53](#)

[54](#)

[55](#)

[56](#)

[57](#)

[Alguns anos depois](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da autora](#)

*Para minhas duas Emilys:
Emily Van Beek, a minha embaixadora de quan;
Emily Thomas Meehan — vamos ficar juntas para sempre!
Da sua garota, com amor*

QUANDO EU ERA pequena, passava as noites de quarta-feira assistindo a musicais antigos com minha mãe. Era uma coisa só nossa. Às vezes, meu pai ou Steven assistiam um pouco também, mas quase sempre éramos minha mãe e eu no sofá, com uma manta no colo e uma tigela de pipoca salgada e doce.

Vimos *The Music Man*, *Amor*, *sublime amor*, *Agora seremos felizes* — eu gostava desses, e adorava *Cantando na chuva*, mas nada se comparava ao meu amor por *Bye Bye Birdie*. De todos os musicais, *Bye Bye Birdie* era o meu favorito. Assistia sem parar, quantas vezes minha mãe aguentasse.

Como Kim MacAfee, eu queria usar rímel, batom e sapatos de salto alto, e ter aquela aura de “mulher adulta feliz”. Queria ouvir os garotos assobiarem e saber que era para mim. Queria crescer e ser exatamente como Kim, porque ela com certeza conseguiu reunir tudo isso.

Depois, quando chegava a hora de dormir, eu cantava: “Amamos você, Conrad, ah, amamos, sim. Amamos você, Conrad, e vamos ficar juntos no fim” diante do espelho do banheiro, com a boca cheia de pasta de dentes. Eu cantava com toda a paixão dos meus oito, nove, dez anos, mas não para o Conrad Birdie do filme, e sim para o *meu* Conrad. Conrad Beck Fisher, o garoto dos meus sonhos pré-adolescentes.

Só havia amado dois garotos — os dois com sobrenome Fisher. Conrad foi o primeiro, e eu o amei como só é possível amar um primeiro amor. É aquele tipo de amor que não tem limites e não quer ter — é estonteante, bobo e intenso. O tipo de amor que só acontece uma vez.

Então veio Jeremiah. Quando eu olhava para ele, via passado, presente e futuro. Ele não conheceu só a garota que eu havia sido; Jeremiah conhecia a garota que eu era naquele momento e me amava mesmo assim.

Meus dois grandes amores. Acho que eu sempre soube que um dia seria Belly Fisher. Só não sabia que seria desse jeito.

1

QUANDO VOCÊ ESTÁ no fim da semana de provas e estudando há cinco horas direto, três coisas são necessárias para sobreviver à noite: a maior raspadinha que conseguir encontrar, metade sabor cereja, metade Coca-Cola. Uma calça de pijama lavada tantas vezes que já está puída. E, por último, pausas para dançar — muitas pausas para dançar. Quando seus olhos começam a se fechar e tudo que você quer é sua cama, pausas para dançar dão forças para seguir em frente.

Eram quatro da manhã, e em algumas horas eu faria minha última prova do primeiro ano na Finch University. Estava acampada na biblioteca do alojamento com minha nova melhor amiga, Anika Johnson, e minha antiga melhor amiga, Taylor Jewel. As férias de verão estavam tão próximas que eu quase conseguia sentir o gostinho. Só faltavam cinco dias. Eu vinha fazendo a contagem regressiva desde abril.

— Me faça uma pergunta — ordenou Taylor, rouca.

Abri meu caderno em uma página aleatória.

— Defina *anima* e *animus*.

Taylor mordiscou o lábio inferior.

— Me dá uma dica.

— Humm... pense em latim.

— Não sei latim! Vai cair latim na prova?

— Não, eu só estava tentando dar uma dica. Em latim, os nomes de garoto terminam em *us*, e os de garota, em *a*; e *anima* é o arquétipo feminino, enquanto *animus* é o arquétipo masculino. Sacou?

Ela soltou um enorme suspiro.

— Não. Vou ser reprovada com certeza.

Anika ergueu os olhos do caderno, dizendo:

— Se você parar de bater papo no celular e começar a estudar, talvez isso não aconteça.

Taylor a encarou, irritada.

— Estou ajudando uma amiga da irmandade a planejar o café da manhã de fim de ano letivo, então preciso ficar de plantão hoje à noite.

— De plantão? — Anika pareceu achar divertido. — Tipo uma médica?

— Isso, exatamente como uma médica.

— E aí, vai ter panquecas ou waffles? — provocou Anika.

— Croissants, se quer mesmo saber — retrucou Taylor.

Nós três estávamos cursando a mesma matéria de psicologia — eu e Taylor faríamos a prova no dia seguinte, e Anika, um dia depois. Além de Taylor, Anika era minha amiga mais próxima na faculdade. E como Taylor era bem competitiva, sentia muitos ciúmes da nossa amizade — o que ela jamais admitiria.

Minha relação com Anika era diferente da que eu tinha com Taylor. Anika era tranquila e fácil de lidar, não saía logo criticando. Mais que isso, na verdade. Ela *me* dava espaço para ser eu mesma. Não sabia de toda a minha vida, por isso não tinha expectativas ou ideias preconcebidas a meu respeito, o que fazia com que eu me sentisse muito livre. Nunca tive uma amiga como ela. Anika era de Nova York; o pai tocava jazz e a mãe era escritora.

Algumas horas mais tarde, o sol começou a nascer, iluminando a biblioteca com uma luz azulada. Taylor descansava a cabeça na mesa, e Anika encarava o nada, feito um zumbi.

Amassei duas bolinhas de papel e joguei nas minhas amigas.

— Pausa pra dançar — anunciei, apertando o play no meu notebook e fazendo uma dancinha na cadeira.

Anika me encarou, emburrada.

— Por que você está tão animada?

— Porque em poucas horas tudo já vai ter acabado — respondi, batendo palmas.

Minha prova era só a uma da tarde, por isso meu plano era voltar para o quarto e dormir por algumas horas, então acordar ainda a tempo de estudar mais um pouco.

* * *

Dormi além do que deveria, mas mesmo assim consegui estudar por mais uma hora. Não tive tempo de tomar café no refeitório, então peguei uma Cherry Coke da máquina de refrigerantes.

A prova foi tão difícil quanto esperávamos, mas eu tinha certeza de que conseguiria tirar pelo menos um B. Taylor acreditava que não se daria tão mal, ainda bem. Nós duas estávamos cansadas demais para comemorar, por isso só nos cumprimentamos com um *high-five*, e cada uma seguiu seu caminho.

Voltei para o quarto, pronta para apagar pelo menos até a hora do jantar, mas, quando abri a porta, lá estava Jeremiah, dormindo na minha cama. Ele parecia um garotinho quando dormia, mesmo com a barba por fazer. Estava esparramado em cima do edredom, os pés pendurados para fora da cama, abraçando meu urso-polar de pelúcia.

Tirei os sapatos e me acomodei ao lado dele na cama de solteiro. Jeremiah se espreguiçou, abriu os olhos e me cumprimentou:

— Oi.

— Oi.

— Como foi a prova?

— Bem.

— Que bom. — Ele soltou Junior Mint, o urso, e me puxou para um abraço. — Trouxe metade do meu sanduíche pra você almoçar.

— Você é um amor — respondi, aconchegando a cabeça no ombro dele.

Jeremiah beijou meu cocuruto.

— Não posso deixar minha namorada ficar sem comer.

— Só perdi o café da manhã — retruquei, acrescentando em seguida: — E o almoço.

— Quer o sanduíche? Está na minha mochila.

Pensei um pouco. Percebi que estava com fome, mas também com sono.

— Talvez mais tarde — falei, e fechei os olhos.

Ele voltou a dormir, e eu também caí no sono. Quando acordei, já estava escuro, Junior Mint tinha caído no chão, e os braços de Jeremiah estavam ao meu redor. Ele ainda dormia.

Começamos a namorar no início do meu último ano do ensino médio. Bem, “namorar” não parecia a palavra certa para descrever nosso relacionamento; simplesmente estávamos juntos. Tudo aconteceu tão depressa e foi tão fácil que parecia que sempre havia sido daquela maneira. Em um minuto éramos amigos, no outro, estávamos nos beijando, então, quando me dei conta, estava me matriculando na mesma faculdade que ele. Disse a mim mesma e a todo mundo (inclusive a Jeremiah, e principalmente a minha mãe) que era uma boa universidade, que ficava a poucas horas de casa e que fazia sentido eu estudar ali, e que também estava mantendo minhas opções em aberto. Tudo isso era um fato. Mas a grande verdade era que eu só queria ficar perto dele. Queria estar com Jere em todas as estações, não apenas no verão.

Então estávamos ali, deitados um ao lado do outro na cama do meu quarto no alojamento da universidade. Ele estava no segundo ano, e eu estava terminando o primeiro. Era muito louco como havíamos chegado longe. Nós nos conhecíamos desde sempre e, se de certo modo parecia uma grande surpresa estarmos juntos, por outro lado parecia inevitável.

2

A FRATERNIDADE DE Jeremiah fez uma festa para comemorar o fim do ano letivo. Em menos de uma semana iríamos para casa passar o verão e só voltaríamos no final de agosto. Eu sempre fui apaixonada pelo verão, mas, agora que finalmente estava indo para casa, me sentia um tanto melancólica. Já tinha me acostumado a tomar café da manhã com Jeremiah todos os dias no refeitório, a lavar minha roupa na lavanderia da fraternidade dele, tarde da noite. Jeremiah era em expert em dobrar minhas camisetas.

Naquele verão, ele ia estagiar de novo na empresa do pai, e eu arranjava um emprego como garçonete no Behrs, o mesmo restaurante em que trabalhara no verão anterior. Nosso plano era nos encontrarmos na casa de praia em Cousins o máximo possível. No ano anterior, não conseguimos ir para lá nem uma vez, por causa do trabalho. Peguei todos os turnos que podia para guardar dinheiro para a faculdade, mas eu me senti oca por dentro — era o meu primeiro verão longe de Cousins.

Havia alguns vaga-lumes do lado de fora. Já começava a escurecer, e a noite estava fresca. Estava calçando sapatos de salto

— uma estupidez, já que, por impulso, tinha resolvido caminhar em vez de pegar o ônibus. Eu tinha me dado conta de que aquela seria a última vez em muito tempo que atravessaria o campus em uma noite bonita como a que estava fazendo.

Eu havia convidado Anika e outra amiga nossa, Shay, para virem comigo, mas Anika tinha uma festa da companhia de dança, e Shay já terminara as últimas provas e pegara o avião para o Texas. A irmandade de Taylor também estava dando uma festinha, por isso ela não pôde vir. Éramos só eu e meus pés doloridos.

Mandei uma mensagem para Jeremiah mais cedo, avisando que estava a caminho e que decidira ir a pé, por isso demoraria um pouco. Tinha que parar e ajeitar os sapatos toda hora, que estavam machucando o calcanhar. Foi realmente uma idiotice usar sapatos de salto.

No meio do caminho, encontrei Jere sentado no meu banco favorito. Ele se levantou ao me ver.

— Surpresa!

— Não precisava ter vindo — falei, mas estava feliz por ele estar ali.

Eu me sentei no banco também.

— Você está incrível — disse ele.

Mesmo depois de dois anos de namoro, eu ainda enrubescia quando Jeremiah dizia coisas assim.

— Obrigada.

Estava usando um vestido leve que tinha pegado emprestado de Anika. Era branco com florezinhas azuis, de alcinhas com babados.

— Esse vestido me lembra *A noviça rebelde*, mas de um jeito sexy.

— Obrigada — repeti.

Depois fiquei me perguntando se aquele vestido *realmente* me fazia parecer com *Fräulein* Maria, o que não soava nada bom. Alisei um pouco o babado das alças.

Dois caras que não reconheci pararam para cumprimentar Jeremiah, mas continuei sentada no banco descansando os pés.

Quando os dois foram embora, ele chamou:

— Pronta?

Gemi.

— Meus pés estão me matando. Foi uma idiotice ter colocado salto.

Jeremiah se inclinou para a frente e disse:

— Então pode subir, mocinha!

Eu ri e subi nas costas dele. Sempre ria quando ele me chamava de “mocinha”. Não conseguia evitar. Era engraçado.

Jeremiah ergueu o corpo, e passei os braços pelo pescoço dele.

— Seu pai vem na segunda-feira? — perguntou, enquanto atravessávamos o gramado principal.

— Vem. Você vai ajudar, não é?

— Como assim? Já estou carregando você pelo campus. Agora também tenho que ajudar na mudança?

Dei um tapinha na cabeça dele, que se abaixou.

— Ok, está bem.

Assoprei com a boca colada no pescoço dele, que gritou feito uma criancinha. Ri o caminho todo.

3

AS PORTAS DA casa da fraternidade de Jeremiah estavam abertas, e as pessoas se espalhavam pelo gramado da frente. Pisca-piscas multicoloridos tinham sido pendurados aleatoriamente por toda parte — na caixa de correio, na varanda, até mesmo ao longo do meio-fio. Vi três piscinas infantis infláveis, que as pessoas estavam usando como se fossem ofurôs. Os caras andavam para cima e para baixo com pistolas d'água cheias de cerveja, jogando a bebida na boca um do outro. Algumas garotas estavam de biquíni.

Desci das costas de Jeremiah e tirei os sapatos, já no gramado.

— Os candidatos fizeram um belo trabalho — comentou Jere, assentindo para as piscininhas com satisfação. — Trouxe biquíni?

Balancei a cabeça, negando.

— Quer que eu veja se uma das meninas tem algum sobrando? — ofereceu ele.

— Não, não precisa — respondi, mais que depressa.

Eu conhecia os irmãos de fraternidade de Jeremiah porque passava algum tempo na casa deles, mas não conhecia as garotas muito bem. A maior parte era da irmandade Zeta Phi, ligada à

fraternidade de Jeremiah — o que significava que eles faziam reuniões e festas juntos, esse tipo de coisa. Jere queria que eu me candidatasse para a Zeta Phi, mas recusei. Eu havia dito que não tinha como pagar as taxas e os custos extras de viver em uma casa de irmandade, mas a verdade era que eu queria fazer amizade com todo tipo de garota, e não apenas o grupo restrito da casa. Queria ter uma experiência mais ampla na universidade, como minha mãe sempre dizia. Segundo Taylor, na Zeta Phi as garotas só queriam saber de pegação e festas, o oposto da irmandade dela, que, supostamente, era mais exclusiva e certinha — e muito mais focada em serviços comunitários, acrescentara, depois de pensar melhor.

Toda garota por que passávamos o cumprimentava com um abraço. Elas me davam um oi, e eu respondia com outro.

Subi para deixar minha bolsa no quarto de Jere e, ao descer, eu a vi.

Lacie Barone, de jeans skinny, camiseta de seda e sapatos vermelhos de salto — que a deixavam com no máximo 1,62 metro —, conversava com Jeremiah. Lacie era a responsável pelas relações públicas da Zeta Phi, e estava no terceiro ano da faculdade — era um ano mais velha que Jere e dois anos mais velha que eu. Tinha cabelo castanho-escuro, que usava em um corte estilo *long bob*, e era baixinha e magrinha. Era, para os padrões de qualquer um, gostosa. De acordo com Taylor, Lacie estava a fim de Jeremiah. Falei para Taylor que não me incomodava nem um pouco com isso, e era verdade. Por que me importaria?

É claro que as garotas ficariam a fim de Jeremiah. Ele era o tipo de cara que as meninas adoravam. Mas mesmo uma garota bonita como Lacie não nos afetava. Éramos um casal havia anos. Eu o conhecia melhor que ninguém e vice-versa. E sabia que Jere nunca olharia para outra garota.

Jeremiah me viu e acenou para que eu me aproximasse. Fui até eles e cumprimentei:

— Oi, Lacie.

— Oi.

Jere me puxou para perto.

— Lacie vai estudar em Paris no outono — contou ele, se virando para a amiga e comentando: — Queremos fazer um mochilão pela

Europa no verão que vem.

Ela tomou um gole da cerveja e falou:

— Que legal. Por quais países?

— Com certeza vamos à França — disse Jeremiah. — Belly é fluente em francês.

— Na verdade, não — retruquei, constrangida. — Só sei o que aprendi no colégio.

— Ah, meu francês também é terrível — comentou Lacie. — Só quero ir à França pra me entupir de queijo e chocolate.

Sua voz era surpreendentemente rouca para uma pessoa tão pequena. Eu me perguntei se Lacie fumava. Ela sorriu para mim, e concluí que Taylor estava errada: Lacie era legal.

Quando ela se afastou para pegar um drinque, alguns minutos mais tarde, comentei:

— Ela é gente boa.

Jeremiah deu de ombros e só respondeu:

— É, sim. Quer que eu pegue uma bebida pra você?

— Claro.

Ele me guiou pelos ombros e me deixou sentada no sofá.

— Fique aqui. Não mova um músculo. Volto logo.

Eu o observei abrir caminho em meio à multidão e fiquei orgulhosa por poder dizer que ele era meu. Meu namorado, meu Jeremiah. O primeiro garoto com quem já dormi. O primeiro a quem contei sobre a vez em que sem querer vi meus pais transando, quando tinha oito anos. O primeiro que saiu para comprar analgésico para mim quando eu estava com muita cólica; o primeiro que pintou minhas unhas dos pés; que segurou meus cabelos enquanto eu vomitava, na vez em que fiquei superbêbada na frente dos amigos dele. O primeiro que escreveu um bilhete romântico no quadro branco do lado de fora do meu quarto, no dormitório.

VOCÊ É O LEITE DO MEU NESCAU,
para sempre e mais um pouco. Te amo, J.

Ele foi o primeiro garoto que beijei. Era o meu melhor amigo. Cada vez mais, eu compreendia: era assim que tinha que ser. Ele era o cara certo. O *meu* cara certo.

4

MAIS TARDE NAQUELA noite, dançamos. Meus braços ao redor do seu pescoço, a música pulsando. Eu me sentia quente e cheia de energia, da dança e da bebida. Tinha muita gente lá, mas, quando Jere olhava para mim, não havia mais ninguém. Só nós dois.

Jeremiah prendeu uma mecha dos meus cabelos atrás da orelha. Depois disse alguma coisa que não consegui ouvir.

— O quê? — gritei.

Ele gritou de volta:

— Nunca corte o cabelo, está bem?

— Mas eu tenho que cortar! Senão vou acabar parecendo... uma bruxa.

Jeremiah tocou a própria orelha.

— Não estou ouvindo!

— Bruxa!

Balancei os cabelos para enfatizar o que dizia e fingi mexer um caldeirão e gargalhar.

— Gosto de você que nem uma bruxinha — respondeu ele no meu ouvido. — Que tal só aparar?

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Trilogia Verão 3 - Sempre teremos o ve..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).